

REENDEREÇAMENTO DO TEXTO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DE CONTOS CLÁSSICOS DE MACHADO DE ASSIS ILUSTRADOS

Vivian Bezerra da Silva¹

RESUMO: Este artigo pretende se debruçar sobre o fenômeno do reendereçamento do texto literário com base na análise dos contos machadianos publicados na *Coleção Machado de Assis Ilustrado*. Por meio dessa investigação, procura-se refletir a respeito dos novos significados provocados nas narrativas a partir de um projeto editorial endereçado aos jovens leitores que une texto canônico e imagem.

Palavras-chave: Machado de Assis. Reendereçamento. Literatura infantojuvenil.

READDRESSING (OF) THE LITERARY TEXT: AN ANALYSIS OF CLASSIC SHORT STORIES BY MACHADO DE ASSIS IN AN ILLUSTRATED COLLECTION PUBLISHING

ABSTRACT: This article aims to elaborate on the phenomenon of literary text readdressing based on the analysis of Machado's short stories published in Machado de Assis Illustrated Collection. Through such an investigation, we seek to reflect on the new meanings elicited from narratives which resulted from an editorial project that bands together canonical text and image, geared to young readers.

Keywords: Machado de Assis. Readdressing. Children and youth literature.

Introdução

A SESI-SP Editora publicou em 2017 uma coleção dirigida ao público infantojuvenil composta por alguns contos clássicos de Machado de Assis. Os oito contos selecionados para a *Coleção Machado de Assis Ilustrado* não sofreram nenhuma simplificação da linguagem, a edição manteve os textos integrais, apenas foram adequados ao acordo ortográfico vigente. O grande diferencial se deve ao projeto gráfico dos livros que receberam ilustrações do premiado artista plástico Fernando Vilela.

Os contos que compõem a coleção são: *A cartomante*, *A causa secreta*, *Conto de escola*, *Missa do galo*, *O espelho*, *Um apólogo* e *Umas férias*. A maior parte desses textos foi publicada inicialmente no *Jornal Gazeta de Notícias* entre 1882 e 1906 e depois reunida em

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: letras.vivian@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4291-5028>

livros de contos, tais como *Papéis avulsos* (1882), *Várias histórias* (1896) e *Páginas recolhidas* (1899). Ou seja, não foram narrativas escritas para o leitorado infantojuvenil, diferentemente, por exemplo, do que ocorreu com Graciliano Ramos, Jorge Amado e Clarice Lispector que, embora sejam autores conhecidos por obras literárias ditas “adultas”, também criaram narrativas pensadas para a infância e juventude.

Dessa maneira, no caso dos contos machadianos, houve um reendereço dos textos elaborado pelo projeto editorial, produzindo então novos sentidos. Cada conto se transformou em um único livro ilustrado e devido à apresentação visual desses livros, conseguimos identificar o público ao qual se destinam apenas pela observação.

Sendo assim, na contemporaneidade, é possível constatar que talvez o suporte tenha mais influência no leitorado do que o próprio texto ou o autor. Principalmente, nas narrativas para a infância e juventude, é muito comum ouvirmos em entrevistas autores relatarem que no momento da escrita não pensaram em um leitor específico. A faixa etária acaba sendo uma decisão da editora na etapa de preparação do livro.

O conceito de “leitor implícito” postulado por Wolfgang Iser no sentido de que todo texto literário ao ser construído já pressupõe um certo tipo de leitor não é, portanto, fixo, pois no fenômeno atual do reendereço esse leitor pode ser remoldado. Machado de Assis, decerto, quando produziu esses contos não previa que eles atingissem o público infantojuvenil, assim como outros autores canônicos que tiveram suas obras reendereçadas.

Sabemos que o texto literário não é estático, novas possibilidades e perspectivas de leitura podem ser construídas ao longo do tempo e em contato com diferentes leitores, porém nos interessa aqui analisar os novos sentidos construídos a partir do diálogo entre o texto canônico e um projeto editorial ilustrado endereçado aos jovens leitores. O suporte assim, nesse contexto, de antemão, é o que estimulará um novo olhar sobre a obra.

Além do projeto visualmente estético, todos os livros da coleção trazem, nas últimas páginas, um glossário, com as explicações das palavras utilizadas na época, uma pequena biografia de Machado de Assis, informações sobre a coleção, o ilustrador Fernando Vilela e as ilustrações. Há ainda fotografias antigas do Rio de Janeiro do século XIX, nas quais Vilela se inspirou para criar as ilustrações das narrativas.

Todo esse cuidado com o projeto gráfico da coleção não deve ser atribuído apenas ao objetivo de tornar as narrativas mais atraentes para os jovens leitores, mas também para

transformar os livros em objetos artísticos. De acordo com a premiada ilustradora tcheca Kveta Pacovská “As imagens de um livro infantil são a primeira galeria de arte que as crianças visitam”. Há, portanto, uma preocupação atual das editoras em produzirem livros que reúnam qualidade estética e literária. Desse modo, além de conquistar o público infantojuvenil, há ainda a intenção de alcançar os adultos, as escolas, os críticos, as bibliotecas, os prêmios literários etc.

Nos livros da *Coleção Machado de Assis Ilustrado*, foram selecionados textos de um autor consagrado cuja qualidade da obra literária é inegável e as ilustrações de um artista premiado e reconhecido no cenário da literatura infantojuvenil (LIJ) moderna. Essas escolhas oferecem à editora uma expectativa de segurança, uma vez que os autores já possuem uma relevância atestada.

Aguiar e Ceccantini (2012) salientam, inclusive, que os textos de Machado de Assis são muito utilizados em edições reendereçoadas devido ao prestígio e valor que sua obra carrega. Além desse motivo, os autores argumentam também que textos de domínio público são muito visados pelas editoras em razão da ausência do pagamento de direitos autorais.

Com base nas questões expostas, iremos analisar o fenômeno do reendereçoamento nos contos machadianos a partir dos novos significados provocados, principalmente, pela presença da imagem nas narrativas. É possível, apontar, de início, três percursos de leitura nessas obras: o do texto literário autônomo, somente o das ilustrações e, por fim, o sugerido pela edição que é o da convergência das duas linguagens.

Os contos selecionados

No site da SESI-SP Editora, a *Coleção Machado de Assis Ilustrado* está atrelada a seção Infantil e Juvenil, ao gênero de Literatura Juvenil e a faixa etária a partir de doze anos. Desse modo, verifica-se que o leitor é pressuposto em consequência de um trabalho editorial e não do texto em si. Eagleton, a respeito da recepção do texto literário, diz:

Todo texto literário é construído a partir de um certo sentimento em relação ao seu público potencial, e inclui uma imagem daqueles a quem se destina: toda obra encerra em si mesma aquilo que Iser chama de um "leitor implícito"; inclui em todas as suas atitudes o tipo de público que prevê. O

“consumo”, tanto na produção literária como em qualquer outra, é parte do processo de produção (EAGLETON, 2006, p. 127).

No caso da coleção em estudo, os livros machadianos como objetos de consumo para os jovens leitores estão relacionados ao processo da produção editorial. O público potencial, assim, foi construído não no momento da criação do texto, mas posteriormente em função das demandas de mercado. Uma demanda que tem crescido consideravelmente já que os livros infantojuvenis representam grande parte da indústria editorial devido, sobretudo, à instituição escolar.

Mas, se em décadas passadas, as obras para a infância e juventude apresentavam, de maneira acentuada, um viés didático, a literatura infantojuvenil contemporânea deixa claro o seu compromisso com o literário, a ponto de ser questionado na atualidade o lugar da LIJ na literatura. Reflexão já suscitada por Carlos Drummond de Andrade:

(...) A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens e aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? (ANDRADE, 2020, E-book Kindle).

Apesar de Drummond tentar colocar as obras literárias para a criança e o adulto em um mesmo patamar, salienta a necessidade da ausência de assuntos escandalosos nos livros para a infância. Observamos, assim, certa preocupação com a temática e a linguagem empregada na LIJ. Há, sobre essas obras, sempre uma vigilância com o intuito de estabelecer o que é apropriado ou não para o leitor infantil e juvenil.

E os contos machadianos? Seriam considerados inadequados por Drummond? Poderiam ser classificados como imorais para o jovem leitor da época em que foram publicados? E hoje? A coleção da SESI-SP é indicada para leitores a partir dos doze anos, idade que, no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, é considerada o início da adolescência.

Os jovens que leem os livros da *Coleção Machado de Assis Ilustrado* entram em contato com histórias que tratam de paixões, sedução, frustração, sadismo, morte, assassinato e até de questões filosóficas sobre a inconstância da alma humana.

Percebemos, dessa forma, que a visão a respeito da literatura infantojuvenil é modificada ao longo do tempo. E essa mudança de percepção varia em decorrência do ambiente e da sociedade:

Os livros infantis para a criança da classe trabalhadora em muitas sociedades do passado parecem ser bem mais autoritários e severos que os livros infantis para as classes médias protegidas. De fato, mal chegam a parecer livros infantis. E, uma vez que o tipo de vida que os jovens experimentavam não era da infância como a conhecemos, nada há de estranho nisso. Portanto, a definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado (HUNT, 2010, p. 94).

Assim, o que é considerado apropriado ou inapropriado para os jovens leitores está estritamente ligado à compreensão de infância e juventude do período. E, como vimos, a infância e a adolescência possuem conceitos instáveis, que variam conforme época, lugar, questões sociais, econômicas, culturais, filosóficas, religiosas.

O entendimento que se tem acerca da LIJ hoje, embora haja ainda muitas discussões e algumas polêmicas, é menos limitador. “Para cada leitor que condenaria o que bem entende por heresia, sexo ou violência nos livros para criança, existem escritores sustentando que esses textos deveriam ser visionários e levar ao crescimento” (HUNT, 2010, p.63-64).

Na contemporaneidade, espera-se que os textos para os novos leitores despertem distintas possibilidades de leitura, que não sejam textos monológicos e instrutivos. A criança e o adolescente não deveriam ser vistos como seres frágeis, que precisam ser protegidos da dureza da vida por meio de uma obra literária de temática aprazível e vocabulário facilitado.

Por essa lógica, o que chamaríamos de literatura infantil e juvenil hoje? Os temas e a linguagem dos contos machadianos são permitidos para o jovem leitor?

O ideal, primeiramente, seria encarar a LIJ como literatura. E como literatura é arte. E como arte deve ser livre de qualquer tentativa de cerceamento. As crianças e os jovens são capazes de observar o mundo que os cerca e, se a literatura renunciar à franqueza, os leitores vão perceber, seja por meio da internet, da televisão ou da própria vida. Precisamos ser, portanto, honestos. “A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do

autor, em livros usados como transporte de intenções diversas” (CADEMARTORI, 2010, p. 17).

Por esse viés, podemos dizer que todos os temas são pertinentes na literatura infantil e juvenil assim como são na literatura em geral. No caso de obras pensadas, em sua criação, para a infância, há de se prever um trabalho diferenciado com a linguagem ao tratar de temáticas difíceis, por exemplo. É preciso considerar ainda que o texto literário possui camadas, e a compreensão de cada leitor, seja adulto, criança ou adolescente, irá variar de acordo com a sua experiência, conhecimento de mundo, repertório etc.

Dos contos selecionados para a coleção em estudo, *O apólogo*, provavelmente, é o mais fácil de ser relacionado à literatura infantojuvenil. Isso se deve aos próprios protagonistas da narrativa, que são um novelo de linha e uma agulha, seres inanimados que ganham vida no texto de Machado, como ocorre em muitas histórias infantis. O conto se desenvolve por meio da discussão entre os personagens que disputam para saber quem é o mais importante na costura dos vestidos e termina com uma lição moral, característica do gênero apólogo.

Conto de escola e *Umas férias*, publicados, pela primeira vez, em 1884 e 1906 respectivamente, possuem em comum narrativas em primeira pessoa com protagonistas crianças e têm como pano de fundo o ambiente escolar. Os personagens de ambos os contos, Pilar e José Martins, têm dez anos de idade e não gostam de estudar, preferem “folgar”. Os textos apresentam uma escola hostil e rígida, de forma mais acentuada em *Conto de escola* em que a repressão e a violência são mostradas de modo explícito. Percorremos espaços e adentramos em um tempo em que educar por meio de castigos físicos, com vara de marmeleiro e palmatória, era trivial. A presença das ilustrações contribui para a nossa imersão no cenário das narrativas, ponto que será abordado na próxima seção.

Conseguimos entender os desejos, angústias e frustrações desses personagens. Compartilhamos da vontade de Pilar em faltar aula para acompanhar os fuzileiros num dia bonito de sol batendo tambor, e da alegria de José ao voltar à escola depois da semana de falsas férias por causa do luto do pai.

Esses textos versam sobre questões frequentes na literatura infantojuvenil contemporânea, mas decerto sofreriam ataques se fossem orientados aos jovens leitores na época em que foram escritos.

Outros dois contos que integram a coleção e possuem protagonistas de pouca idade são *Missã do galo* e *Uns braços*. Os personagens são adolescentes e experimentam as inquietações próprias da juventude, como o primeiro amor e a atração física. Os dois textos são carregados por uma atmosfera de sedução e ambiguidade, além de tocar em temas essenciais ao período da adolescência como o sentimento de solidão, desejo, dúvidas, descobertas.

A cartomante, *A causa secreta* e *O espelho* são narrativas que não contêm protagonistas crianças ou adolescentes e que, a princípio, parecem abordar temáticas mais adultas. Por que, então, seriam escolhidas para compor uma coleção destinada ao público juvenil?

A história do triângulo amoroso formado por Vilela, Rita e Camilo narrada no conto *A cartomante* é repleta de mistério e possui um fim trágico, mas também inesperado. Enigmas e surpresas são características apreciadas no texto literário pelos jovens leitores, assim como o sentimento de horror e repulsa que encontramos ao percorrer as páginas de *A causa secreta*.

Já *O espelho* é um texto que discute a natureza da alma humana, como sugere o próprio subtítulo do conto *Esboço de uma nova teoria da alma humana*. Jacobina, o personagem que possui uma opinião formada sobre o assunto, afirma que

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. (...) Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira (ASSIS, 2017, p. 8-10).

A narrativa suscita, assim, pensamentos a respeito de como nos enxergamos e de como os outros nos enxergam, entre outras questões. E o período da adolescência é marcado por dúvidas, descobertas e reflexões existenciais. Provavelmente um leitor de doze anos, idade inicial recomendada pela editora, não irá ler esses contos impulsionado por uma motivação estética e talvez não apreenda as múltiplas camadas do texto, mas pode iniciar a leitura por curiosidade, entretenimento ou sugestão escolar. Seja qual for o motivo, é possível encontrar nos livros conteúdos que interessem aos jovens, pois os contos não foram selecionados para a coleção de modo aleatório, e sim devido a um projeto editorial.

Alguns desses textos participam também de outras publicações dirigidas ao público infantojuvenil da SESI-SP, são elas: *Mulheres de Machado* (2017), seleção de contos com personagens femininas de destaque na obra machadiana, e *Presépio e outros contos de Natal* (2018), antologia organizada por Luiz Ruffato, que tem como temática a data festiva de 25 de dezembro. Ambos os livros receberam o selo de altamente recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), embora tragam contos que, em sua gênese, não tenham sido cogitados para tal público.

Mas apesar de muitos desses contos, atualmente, integrarem edições infantojuvenis, ainda continuam a figurar em coletâneas para o público adulto. É o caso da antologia *50 contos de Machado de Assis*, da Companhia das Letras, organizada por John Gledson. Essa coletânea possui sete dos oito contos da *Coleção Machado de Assis Ilustrado*, com exceção de *Umas férias*. Ou seja, são textos que valem tanto para o jovem como para o homem feito.

Dessa forma, acreditamos que a principal característica da literatura infantojuvenil é a forma de endereçamento dos textos ao leitor (CADEMARTORI, 2010, p. 16). E esse direcionamento do texto literário independe da vontade de quem escreve. Ainda que exista, no ato da escrita, um leitor potencial, ele escapa das prospecções do autor. Os textos podem sobreviver ao tempo adquirindo diferentes leituras porque são atemporais e também porque foram selecionados para permanecer, “O que é escolhido perdura – perdura porque é valioso; porque perdura, adquire valor” (ANDRUETTO, 2012, p. 36).

Essa mudança na recepção da obra literária de um dos maiores escritores brasileiros, senão do maior, tanto no que se refere ao leitor potencial quanto ao gênero literário, se deve ao objetivo de apresentá-la às novas gerações. Para isso, os contos adquiriram uma nova roupagem, trazendo novas possibilidades de leitura, ainda que se mantenha o texto integral. Assunto que será abordado a seguir.

Os contos ilustrados: a confluência de texto e imagem

(...) ler um livro ilustrado não se resume a ler texto e imagem. É isso, e muito mais. Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... Ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor (LINDEN, 2018, p. 8 - 9).

Sophie Van der Linden deixa claro que o “leitor implícito” de um livro ilustrado é o leitor capaz de perceber todas as nuances de uma obra que une texto e imagem. Em um livro ilustrado a narrativa pode acontecer antes do texto propriamente dito, nos elementos extratextuais, paratextuais, pré-textuais. O leitor ideal de um livro ilustrado seria, portanto, para usar um conceito contemporâneo, alguém “multiletrado”, preparado para compreender as múltiplas linguagens.

A viabilidade de propiciar aos leitores o contato com múltiplas linguagens na *Coleção Machado de Assis Ilustrado* se deve, em grande parte, à opção da editora pelo gênero conto. Por ser uma narrativa curta é mais flexível para dialogar de forma plural com outras artes, sem a necessidade de modificar o texto original. Além da leitura do texto e das imagens, somos transportados para outra época em consequência do projeto gráfico que simula páginas antigas, a sugestão de movimento também é empregada em alguns livros, o que nos remete à linguagem cinematográfica. Esse conjunto de experiências oferecido pela coleção é característico do livro ilustrado.

A presença de múltiplas linguagens é uma tendência do mundo moderno e as crianças e os adolescentes estão mais familiarizados com esse fenômeno. Por tal motivo, as editoras também precisam dar conta dessa demanda, oferecendo estímulos visuais aos jovens leitores.

Inclusive existem atualmente discussões a respeito do aspecto físico do livro nas redes sociais, em canais de *booktubers* e até em entrevistas com escritores, editores, livreiros e professores. É possível notar uma preocupação das editoras com a aparência do livro, com a arte da capa, tipo de papel, tamanho da letra etc. Há também clubes de assinatura de livros, cujo diferencial é vender aos associados não apenas um texto literário, mas propiciar uma experiência estética que extrapole o texto. Ou seja, estamos vivenciando um tempo em que o livro precisa ser um objeto atraente para dar conta desse novo leitor.

Nesse cenário, o reendereço de obras canônicas do autor brasileiro mais relevante é abalizado, pois visa a introduzir os jovens na densidade discursiva de Machado de Assis. Antes mesmo de iniciar as narrativas verbais dos contos, o leitor já é inserido no universo machadiano porque as ilustrações apontam para um período que não é o atual. Esse distanciamento temporal é notado pelas imagens das ruas, das casas, das roupas dos

personagens, dos objetos, além das próprias páginas dos livros que imitam papéis amarelados, carcomidos pelo tempo. As ilustrações auxiliam, assim, o leitor a se familiarizar com o ambiente e o tempo das narrativas.

Todos os oito livros possuem o mesmo projeto gráfico e ilustrações do mesmo artista, o que garante uma identidade visual própria à coleção. E, com exceção de *O espelho*, as capas e contracapas dos demais contos se relacionam formando uma única imagem. Essa imagem pode ser de alguma cena da história ou, no caso de *Conto de escola*, ser o início da narrativa por meio da linguagem não verbal, como é possível verificar nas figuras mostradas a seguir.

Fig. 1 – Capa, contracapa, folha de guarda, folha de rosto, dedicatória e início da narrativa verbal de *Conto de escola*



Na fig. 1, observamos desde a capa, nas margens inferiores, um menino de calça verde com suspensório e uma maleta na mão. É o protagonista Pilar, em 1840, perambulando pelas ruas do Rio de Janeiro a caminho da escola. Uma característica comum na literatura machadiana, e ressaltada nas ilustrações, é a forte presença da cidade nas narrativas. A história começa, portanto, antes da linguagem escrita. Dessa maneira, é escorregadio

classificar capa, contracapa, folha de guarda, rosto e de dedicatória como elementos extra, para ou pré-textuais uma vez que são componentes incorporados ao discurso narrativo.

A dedicatória que aparece na Fig. 1 faz parte do projeto editorial e é encontrada nos oito contos acompanhada por ilustrações pertinentes à narrativa. Todos os livros são dedicados ao avô do ilustrador, fato que demonstra o lugar de Fernando Vilela também como autor das obras.

Na criação do livro ilustrado contemporâneo, há uma integração entre escritor e ilustrador, um diálogo a partir do qual se constrói a obra. O livro ilustrado, então, não é “apenas um objeto cujas mensagens contribuem para a produção do sentido, mas um conjunto coerente de interações entre textos, imagens e suportes” (LINDEN, 2018, p.9). No caso do reendereço, entretanto, não existe essa troca de ideias. Desse modo, o trabalho com a imagem é elaborado com base na interpretação que o ilustrador confere ao texto literário. Ainda assim, na coleção da SESI-SP, há indícios que corroboram o reconhecimento do ilustrador como coautor da obra, o principal deles é a dedicatória, conhecida por ser um texto em que homenageamos alguém e dedicamos o nosso trabalho.

A ilustração que acompanha a dedicatória em *Umas férias*, diferentemente de *Conto de escola* não dá sequência à narrativa iniciada na capa, e sim nos dá uma pista falsa sobre a temática do conto.

Fig. 2 - Dedicatória de *Umas férias*



Em confluência com o título *Umas férias*, a ilustração demonstra uma cena típica de férias escolares, evocando a sensação de liberdade e lazer, pontuada, sobretudo, pela presença dos balões e da pipa. No entanto, a narrativa aborda temas como morte, luto, tristeza e tédio por meio da perspectiva do menino José Martins.

O conto inicia com o tio Zeca buscando os sobrinhos José e Felícia na escola e as expectativas das crianças a partir dessa saída antecipada da aula.

A minha sensação de prazer foi tal que venceu a de espanto. Tinha dez anos apenas, gostava de folgar, não gostava de aprender. Um chamado de casa, o próprio tio, irmão de meu pai, que chegara na véspera de Guaratiba, era naturalmente alguma festa, passeio, qualquer coisa. (...) Pouco depois chegávamos ao colégio de minha irmã Felícia; disse-me que esperasse, entrou, subiu, desceram, e fomos os três caminho de casa. A minha alegria agora era maior. Certamente havia festa em casa, pois que íamos os dois, ela e eu; íamos na frente, trocando as nossas perguntas e conjecturas. Talvez anos de tio Zeca (ASSIS, 2017, p. 7-8).

A ilustração da Fig. 2 pode ainda ter como objetivo apresentar as ideias alegres que passavam pela cabeça de José a respeito da surpresa que os aguardava em casa. E, tal como o protagonista, ocasionar também no leitor o sentimento de frustração em contato com o real motivo da aparição inesperada do tio Zeca na escola: a morte do pai de José e Felícia. Somos, assim, estimulados a compartilhar das sensações do personagem.

As imagens que seguem após a infeliz descoberta imprimem à narrativa o efeito de luto, como é possível verificar abaixo.

Fig. 3 - A mãe e os filhos de luto e o pai morto



Como pudemos observar, tanto o texto verbal quanto a narrativa visual não poupam o jovem leitor do contato com temas difíceis. A Fig. 3 se relaciona com a passagem do conto transcrita a seguir:

Ouvi as palavras de minha mãe, se repetiam em mim, e os seus soluços que eram grandes. Ela pegou em nós e arrastou-nos para a cama, onde jazia o cadáver do marido; e fez-nos beijar-lhe a mão. Tão longe estava eu daquilo que, apesar de tudo, não entendera nada a princípio; a tristeza e o silêncio das pessoas que rodeavam a cama ajudaram a explicar que meu pai morrera de veras. Não se tratava de um dia santo, com a sua folga e recreio, não era festa, não eram as horas breves ou longas, para a gente desfiar em casa, arredada dos castigos da escola. Que essa queda de um sonho tão bonito fizesse crescer a minha dor de filho não é coisa que possa afirmar ou negar; melhor é calar. O pai ali estava defunto, sem pulos, nem danças, nem risadas, nem bandas de música, cousas todas também defuntas (ASSIS, 2017, p.18).

Verifica-se que as imagens dão destaque a algumas informações descritas no texto machadiano, ao mesmo tempo permitem um novo olhar da cena sob a ótica do ilustrador. As dificuldades vivenciadas pelos personagens são também ressaltadas em *Conto de escola*. Nessa narrativa o ilustrador se vale da hipérbole para demonstrar a opressão sofrida pelos alunos no ambiente escolar do século XIX.

Fig. 4 – O professor e os alunos



A figura do professor, em página dupla, como se pode notar, é exibida em tamanho muito superior à dos alunos e possui o rosto vermelho, o que demonstra a intensidade da fúria

com a qual tratou as crianças. Essa cena reproduz o momento em que o mestre repreende os meninos porque o protagonista, Pilar, recebe uma moeda do colega de classe em troca de explicações sobre a lição.

Em seguida, cada estudante recebe doze bolos com palmatória nas mãos, até que elas fiquem inchadas. É possível perceber que os momentos da história que traduzem mais tensão são escolhidos pelo ilustrador para compor a narrativa. A escolha por ilustrar essas passagens aproxima os leitores da repressão vivenciada pelas crianças na época.

Fig. 5 – Palmatória e sova com vara de marmeleiro



Outro momento fraturante da narrativa machadiana que ganha destaque em página dupla é a cena de Fortunato, personagem de *A causa secreta*, com o rato e a tesoura nas mãos.

Fig. 6 – Fortunato e a experiencia sádica com o rato



No texto de *A causa secreta* os leitores são apresentados a Fortunato, personagem de perfil sinistro e dúbio, que ao mesmo tempo em que demonstra preocupação e cuidado com os enfermos, é frio e indiferente com os demais, inclusive com a esposa Maria Luísa.

Em certa altura da narrativa, o médico Garcia, amigo da família, se depara com a cena de Fortunato torturando um rato e nota contentamento naquela ação: “Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo” (ASSIS, 2017, p. 26).

O conto aborda, dessa forma, características obscuras da personalidade humana que provocam perturbação no ato da leitura. É um texto carregado por uma atmosfera de mistério e desconforto que também é transmitida pelas imagens. Neste, como nos demais contos da coleção, é possível notar uma coerência entre texto e imagem num objeto estético que é o livro ilustrado.

A inserção das imagens e das narrativas de Machado de Assis em livros produzidos para o público infantojuvenil permite a aproximação dos jovens com o universo machadiano. Os leitores são convidados a passear pelas ruas do Rio de Janeiro do século XIX. Isto é, frequentam a cidade no período vivido pelo escritor e têm contato com uma realidade distinta da atual, no tempo em que não havia “carros, bondes ou luz elétrica, em que as pessoas se deslocavam a pé, em cavalos ou em charretes” (ASSIS, 2017, p. 39). Os jovens leitores possuem, assim, novas experiências.

Costuma-se criar muitas restrições para a literatura infantojuvenil, além da tentativa de delimitação temática, é comum relacionarem os textos de LIJ com narrativas que privilegiam a ação em detrimento da reflexão e que possuem conteúdos educativos. Os contos machadianos estudados neste artigo, assim como os textos infantojuvenis contemporâneos, demonstram que é possível sim a leitura de obras em que há o predomínio da ambientação, do subtexto e/ou do desenvolvimento interno dos personagens. E essa característica atual da LIJ continua atraindo muitos leitores.

Considerações finais

A união de texto e imagem em um mesmo suporte demonstra uma intenção de leitura. Nesse sentido, a *Coleção Machado de Assis Ilustrado*, devido ao trabalho editorial produzido, indica um leitor pretendido: o público infantojuvenil.

Para alcançar esse intento, os contos machadianos foram reimaginados. Embora os textos continuem intocados, precisaram de uma apresentação ou ainda de uma narrativa paralela pensada pelo viés da imagem para buscar o diálogo com a literatura machadiana a partir do nosso tempo, esboçando um outro Brasil já muito distante da nossa experiência e aproximando a obra do leitor.

Percebemos, assim, que a imagem em diálogo com o texto literário suscita novos sentidos na narrativa e que um texto considerado inadequado para os jovens leitores em décadas passadas pode não ser na contemporaneidade. Do mesmo modo, um texto que é hoje considerado exclusivo para adultos, futuramente pode não ser, pois a recepção da obra literária depende de fatores externos ao texto, como o meio social.

Por fim, foi possível verificar que a literatura de Machado de Assis pode ser lida por leitores de diferentes idades, e que o uso da imagem como recurso é uma estratégia perspicaz para tornar o texto canônico mais atrativo para os jovens do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. Uma volta, volta e meia, vamos dar. In: AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L (Orgs.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Literatura infantil. In: *Confissões de Minas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book Kindle.

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ASSIS, Machado de. *A cartomante*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *A causa secreta*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *A missa do galo*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *Conto de escola*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *O espelho*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *Um as fêrias*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *Um apólogo*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

_____. *Uns braços*. Ilustrador Fernando Vilela. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI-SP editora, 2018.

AGUIAR, V. T de; MARTHA, A. A. P. Poesia infantil e juvenil contemporânea. In: SILVA, M.; NAVAS, D.; FERREIRA, E. A. G. R. (Org.). *Produção literária juvenil e infantil contemporânea: reflexões acerca da pós-modernidade*. São Paulo: Big Time Editora Ltda., 2017.

Recebido em: 11/04/2021.

Aceito em: 14/07/2021.